

Mercado de trabalho, racismo e consumo: trabalhadores negros em *shoppings centers*

Josimar Priori¹

Resenha do livro:

NASCIMENTO, Silmara. *Relações Raciais e Mercado de Trabalho no Brasil*. Curitiba, Appris, 2018.

A inserção do negro no mercado de trabalho em *shoppings centers* é o tema do livro *Relações Raciais e Mercado de Trabalho no Brasil*, de Silmara Nascimento. A pesquisadora nos oferece nessa obra excelentes reflexões não apenas sobre o racismo em tal espaço, mas também sobre consumo, construção e reconstrução de padrões estéticos, cidade e consequentemente sobre o Brasil contemporâneo.

Silmara Nascimento é graduada e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá, bacharel em Serviço Social pelo Centro Universitário de Maringá e atualmente cursa doutorado em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina. O livro em questão é resultado de sua dissertação, orientada pela prof.^a Marivânia Conceição Araujo. Trata-se de um trabalho exemplar em termos metodológicos, analíticos e teóricos, o que o qualifica como referência importante sobre a temática do racismo brasileiro.

Para compreender os desafios enfrentados por trabalhadores negros em *shoppings centers*, Nascimento desenvolveu uma ousada metodologia de pesquisa. A investigação, que contou com apoio financeiro da Procuradoria Regional do Trabalho de Maringá, combinou métodos quantitativos e qualitativos. O

1 Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Paranavai - Brasil - josimarpriori@hotmail.com

universo estudado foi os *Shoppings* Avenida Center e Maringá Park, ambos no centro da cidade de Maringá (PR). Foram entrevistados, por meio da modalidade *survey*, os proprietários ou gerentes de todas as lojas, assim como os trabalhadores auto identificados como “pardos, morenos ou negros”. Foi feita exceção aos estabelecimentos de alimentação, nos quais se fez somente a contagem dos trabalhadores negros. Na sequência, Silmara realizou entrevistas semiestruturadas com dez dos trabalhadores que se identificaram e foram identificados como negros pela equipe de pesquisadores². O estudo, que contou com a colaboração de cinco pesquisadores, iniciou-se em janeiro e foi concluída em outubro de 2011.

Em diálogo profícuo com clássicos do pensamento social brasileiro como Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos, Neusa Santos Souza, Oracy Nogueira, Edward Telles, Kabengele Munanga, Clovis Moura, Carlos Hasenbalg, Otávio Ianni, Roberto Da Matta, entre outros, a autora desenvolveu a obra agora publicada. O resultado foi um livro com 226 páginas, composto por um prefácio feito pelo professor Marcelo Paixão³, apresentação, introdução, três capítulos e considerações finais.

Professor Paixão salienta dois aspectos pertinentes: a) a contribuição de Nascimento em deslocar o foco da análise para uma região até então pouco estudada no que diz respeito às relações étnico-raciais, o norte do Paraná e especificamente a cidade de Maringá; b) o fato de escolher uma cidade do interior não torna a obra menos relevante para se compreender o Brasil. Ao contrário, expande essa compreensão:

O estudo da professora Silmara nos leva a enxergar que o País atual (inclusive em suas relações raciais) precisa ser lido e relido desde dinâmicas que vão se estabelecendo em seus interiores, áreas essas que já de algum tempo deixaram de ser sinônimo do atraso e da estagnação para se tornarem o motor dinâmico da economia e, em grande sentido, da vida social brasileira (Paixão, 2018:12).

Na apresentação, a autora retoma a feliz expressão de Kabengele Munanga, segundo a qual o racismo brasileiro é “um crime perfeito”, ou seja, um racismo que não se reconhece e se escamoteia sob o mito da democracia racial. Diante

2 Ao todo foram identificadas vinte e cinco pessoas com esse critério, no entanto, segundo a autora, cinco deles não foram localizados e outros dez não concederam entrevista.

3 Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e destacado estudioso das relações étnico-raciais no Brasil.

desse ponto, ela apresenta seus objetivos: entender como se manifestam as práticas discriminatórias nos *shoppings centers* e como se dá o processo de inserção de trabalhadores negros em tais espaços. A introdução situa o leitor no ambiente de Maringá, apresenta sua metodologia e analisa uma construção acadêmica e social na qual o racismo é negado, o negro adjetivado negativamente e o embranquecimento glorificado.

O capítulo 1, *A Semeadura da Segregação Racial: Desigualdades Raciais no Mercado de Trabalho*, volta-se para os desafios que a população negra brasileira tem enfrentado no mercado de trabalho desde a abolição da escravidão em 1888. De acordo com Nascimento (2018:42), “[...] em qualquer momento da história da sociedade brasileira, poderá se verificar que as pessoas consideradas negras ou de origem afrodescendente são as mais suscetíveis a situar-se nas piores posições das condições mencionadas”. Decorre daí que, por um lado, os brancos em média ganham mais que os pardos e negros em praticamente todas as posições e, por outro, à medida que o negro ascende no mercado de trabalho, maior são as resistências que enfrentam.

Ainda neste capítulo, a autora introduz a discussão sobre o mercado de trabalho em Maringá e apresenta parte dos dados da pesquisa quantitativa. De um total de 913 funcionários em ambos os estabelecimentos investigados, apenas 109 se declararam pardos, morenos ou negros, o que corresponde a um total de 11,94% das vagas de trabalho. Porém, destaca a autora, a população assim declarada em Maringá é de 25,39%.

Por meio de tais informações, Nascimento diagnostica que a representação social dos negros em tais espaços “é praticamente inexpressiva” e afirma que persiste um sistema social competitivo que acumula desvantagens para os negros, impedindo a igualdade de oportunidades. Além disso, destaca a estudiosa, pessoas negras enfrentam mais resistências em ocupações associadas ao atendimento ao público, enquanto posições menos prestigiosas na construção simbólica hegemônica como limpeza, segurança e trabalhos braçais são mais disponíveis a esse grupo.

No capítulo seguinte, intitulado *Conjunção Político-Social e Relações Raciais em Maringá*, a autora investiga como estrutura urbana maringaense participa da produção de um tipo de segregação que pode ser caracterizada como social, espacial e racial. Nesta parte do trabalho Nascimento oferece uma excelente reflexão sobre os conflitos e as contradições por meio das quais a cidade contemporânea se constitui. A análise nos permite observar a criação de sujeitos que consomem e que moram em espaços da cidade tidos como melhores e outros que moram em regiões vistas como piores e trabalham para satisfazer as

necessidades de consumo dos primeiros. Os *shoppings centers* ocupam espaço social e simbólico proeminente, pois evocam não apenas o consumo, mas o desejo das classes altas de distinção social, homogeneidade, segurança e entretenimento⁴. A expressão de uma entrevistada, “*ali é um shopping, não é tudo que se aceita né*” (apud Nascimento, 2018:183), é ilustrativa desse cenário e faz referência não apenas a quem pode entrar em tais espaços, mas também a quem nele pode trabalhar. A autora resgata Roberto da Matta para evocar a existência de lugares pré-determinados para os diferentes grupos, entre os quais os piores são reservados aos negros, que também que enfrentam duras resistências caso dali desejem sair.

A ocupação espacial e a maneira como diferentes etnias são representadas na cidade expressam o conflito racial atual. A autora destaca que embora em torno de 25% da população maringense seja de origem afro-brasileira, essa composição não é sequer registrada nos documentos oficiais que descrevem o povo maringense, enquanto os 3% da população de origem japonesa, por sua vez, são festejados e destacados. Trata-se, segundo a autora, de um processo característico do racismo brasileiro por do meio qual se intenta apagar da memória a participação da população negra na construção e no desenvolvimento da região.

O terceiro e último capítulo, *Os Desafios da Pesquisa de Campo nos Shopping Centers em Maringá*, explora as informações obtidas durante a pesquisa. Sobressai entre os entrevistados, por um lado, uma percepção de que a cor da pele não é um fator fundamental para a contratação, mas por outro a questão da “boa aparência” aparece como um critério fundamental para o processo de admissão em lojas dos *shoppings* pesquisados:

[...] verificamos que o “perfil” do funcionário desejado está, frequentemente, disfarçado por uma percepção racista e excludente no mercado de trabalho. Como sabemos, a discriminação racial muitas vezes está disfarçada na ideia da “boa aparência”, que valoriza o padrão de beleza europeu e tem no branco o ideal estético socialmente aceito (Nascimento, 2018:205).

Sobressai, então, uma engenharia sofisticada por meio da qual lugares distintos são direcionados para pessoas com cor de pele diferentes sem que assim

4 “A experiência em campo reforçou também que, embora o shopping center seja considerado, atualmente, por um grande número de pessoas, como um espaço ‘público’ e de livre circulação, podemos observar que ainda é essencialmente um espaço privado, destinado apenas às elites do consumo” (Nascimento, 2018:171).

seja explicitado. A categoria “boa aparência” é fundamental neste processo, pois em nome dela é possível definir um padrão desejável ligado a atributos fenotípicos de origem europeia. Construindo e reconstruindo uma estética que tende a valorizar um processo que remonta ao final do Século XIX, o embranquecimento é tido como modelo de beleza, inteligência e competência. Nascimento sintetiza sua análise nestes termos:

Desse modo, as informações alcançadas em campo (em ambas as etapas da pesquisa) comprovam que o modelo de se vestir, de se comportar, de arrumar o cabelo deve estar sempre devidamente ajustado ao padrão designado pelo grupo racialmente dominante. A “boa aparência” se configura, portanto, nos centros comerciais estudados, como sinônimo de embranquecimento (Nascimento, 2018:215).

É sintomático que apesar do predomínio da visão de que a cor da pele importa para a contratação, os relatos dos entrevistados indicam a descrença quanto à possibilidade de trabalharem em tais lugares. “Não acreditavam poder conseguir” e “nem pensavam em procurar emprego em tais espaços” são algumas expressões citadas pela autora. Também “consideravam que a maioria da população negra da cidade também não se sente à vontade para fazê-lo” (Nascimento, 2018:161-162). A esse respeito, vale destacar o depoimento de uma das entrevistadas, a qual atribui a sua contratação à sorte:

Então, eu consegui por sorte (risos), porque o perfil geralmente de shopping, de qualquer loja é magrinha, bonitinha e tal né? Mas, deixei meu currículo lá. Eu conversei bastante com a gerente, daí ela gostou muito do meu jeito, mas eu entrei em vários lugares e você vê que tem um perfil. Mas, ali por ser mais tranquilo, não exigir tanto, eu consegui, mas foi difícil. Eu entreguei em outros lugares, em vários lugares, aí tinha um perfil que é a questão física e tudo (apud Nascimento, 2018: 181, itálico da autora).

Segundo nascimento, os entrevistados reconhecem a ausência de trabalhadores negros nos locais estudados, mas tendem a explicar isso, ao menos em parte, como uma “autodiscriminação”. Assim, o fato de haver uma minoria negra trabalhando em tais espaços, em contraposição a “[...] uma maioria branca é justificado pela falta de autovalorização do negro, determinação e estímulo próprio para procurar esse tipo de ocupação, e não pela questão do preconceito ou da discriminação” (Nascimento, 2018:199). Para analisar situações como esta, a autora recorre à noção de ideologia racial hegemônica, a qual, por um lado, oculta a desigualdade e a discriminação racial, capturando, muitas vezes,

a própria vítima do racismo pela ideia de que o racismo não existe, e, por outro, insere o branco como um “sujeito universal e essencial”.

Com base em tais evidências, Nascimento afirma que o processo de discriminação racial na localidade estudada está inscrito em práticas sociais difusas, as quais não se revelam explicitamente, mas estão presentes em “[...] imensa quantidade de manifestações. [...] O preconceito camuflado, mascarado pelo dia a dia, dificulta cada vez mais sua identificação e, por conseguinte, o enfrentamento direto de seus efeitos” (Nascimento, 2018:205).

Em face das reflexões apresentadas, é possível afirmar que Silmara Nascimento apresenta uma excelente contribuição aos estudos sobre a discriminação sofrida por negros no mercado de trabalho. A autora demonstra como o racismo, sem ruptura com a herança histórica, se reelabora de maneira complexa. A densidade dos dados empíricos fortalece a triste constatação da engenharia social por meio da qual a mobilidade social se torna tão custosa para a população negra em Maringá e no Brasil como todo. O amplo repertório bibliográfico e estatístico mobilizado pela autora lhe permite desenvolver uma apurada análise sobre a desigualdade racial no Brasil, o que também estimula reflexões também sobre os modos por meio dos quais a cidade contemporânea se constitui, o lugar que o consumo ocupa nestas tramas sociais e os conflitos subjacentes a ela, os quais no Brasil são expressos pela disparidade entre negros e não negros.

Referências

- NASCIMENTO, Silmara. *Relações Raciais e Mercado de Trabalho no Brasil*. Curitiba, Appris, 2018.
- PAIXÃO, Marcelo. Prefácio. In: NASCIMENTO, Silmara. *Relações Raciais e Mercado de Trabalho no Brasil*. Curitiba, Appris, 2018.

Recebido em: 04/02/2020

Aprovado em: 16/04/2020

Como citar esta resenha:

- PRIORI, Josimar. Mercado de trabalho, racismo e consumo: trabalhadores negros em *shoppings centers*. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 1, jan.-abril 2020, pp. 351-356.